

VILÉM FLUSSER Do desejável.

A crise atual da ciência está revolvendo o pensamento e a vivência da humanidade em toda parte, embora a grande maioria ignore a ocorrência de tal crise, e embora parte dos que dela sabem a neguem. A revolução no pensamento, acompanhada de revolução na vivência do mundo, implica em radical reformulação dos desejos. E tal reformulação é a prova existencial da crise. Se não podemos mais desejar o tradicionalmente desejável, e se começamos vagamente a desejar o tradicionalmente indesejável, (e isto está ocorrendo), é que estamos em crise. E não pode tratar-se senão de crise da ciência, porque é a ciência que impõe sua estrutura sobre os nossos pensamentos, vivências e desejos. Embora o faga de várias formas, algumas das quais muito indiretas que escapam à consciência da maioria. O que confunde a situação é o fato que a crise da ciência parece ser problema interno do discurso científico, portanto problema a ser resolvido, (ou não), pelos que participam direta- ou indiretamente daquele discurso. Por infima minoria. Não se vê, imediatamente, como a notícia de tal problema esotérico pode ter debordado os limites da literatura especializada para atingir em cheio o comportamento da dita "massa". Acrescenta-se que os dados da crise ainda estão longe de terem sido plenamente formulados pelos que se preocupam com o problema. Parece pois que a discussão da crise científica deve limitar-se aos que são competentes para ela, e que toda tentativa de ampliar a discussão é irresponsabilidade leviana. Pois o contrário ocorre de fato. É irresponsabilidade não considerar a crise da ciência quando são discutidos os desejos, (projetos, esperanças, receios, em suma: a fé no futuro), da sociedade. É irresponsável abandonar o problema da crise aos que se julgam serem competentes para ele, porque somos todos, muito concretamente, seus testemunhas, vítimas e agentes. Devemos, todos, tomar posição diante da crise da ciência, embora não possamos captar-lhe todos os seus aspectos.

Captamos, e muito intensamente, os aspectos mais decisivos. Sabemos que a ciência ocupa posição central no nosso mundo e no nosso íntimo, e que uma sua crise significa terremoto no nosso estar-no-mundo. Sabemos da posição central da ciência não apenas graças às modificações que a técnica científica opera em nosso torno. É verdade que a manipulação técnica dos objetos que nos cercam, (e a qual está se dando há duzentos anos), e a manipulação técnica do próprio homem e da própria sociedade, (e a qual começa a delinear-se há várias dezenas de anos), modificou radicalmente a nossa maneira de vida. É verdade que nossa vida se distingue fundamentalmente da vida das gerações anteriores à técnica cientificamente elaborada. Mas, embora isto seja verdade, não é estritamente o aspecto técnico da ciência para nós o seu aspecto mais decisivo. Não é ele o responsável pelo fato que todos os nossos pensamentos, vivências e desejos se inserem na estrutura da ciência, saibamos disso ou não saibamos.

O fato é que a ciência é a nossa única autoridade. Ocupa o lugar da religião nas sociedades anteriores à nossa. Tais sociedades viviam o cli-

VILÉM FLUSSER

ma emanado pela religião dominante, (consciente- ou inconscientemente, pouco importa), e toda atividade, seja econômica, social, científica, artística ou não importa qual, se dava em tal clima. Por exemplo: a ciência medieval era disciplina que se dava dentro da estrutura do catolicismo ou do Islã, com ou sem o acôrdo dos próprios cientistas, e era obrigada, por consenso geral, não por imposição, a justificar-se perante a autoridade religiosa. Na nossa sociedade reina o clima da ciência, e toda a nossa atividade, sabemos disto ou não, se dá em tal clima. Por exemplo: as várias religiões atuais são ideologias, ou sistemas de valores, ou formas de vida que se dão dentro da estrutura da ciência, queiram ou não queiram os seus adeptos, e devem justificar-se perante a ciência, não por imposição, mas por consenso. Se pois a ciência está em crise, é o clima e o consenso da nossa sociedade que está ameaçado de desmorronamento.

O curioso é que a ciência ocupou a posição de autoridade única contra o seu próprio caráter, (ou: contra o desejo dos próprios cientistas). É como se a ciência tivesse sido sugada pelo vácuo aberto pela decadência das religiões durante a idade moderna. Não havia, a rigor, luta entre religiões e ciência pela autoridade. Os cientistas jamais visavam as posições culturalmente e politicamente dominantes dos teólogos e sacerdotes. Porque os cientistas jamais proclamavam verdades a serem seguidas pela sociedade. Enunciavam hipóteses verificáveis ou refutáveis. A sua era mentalidade de dúvida metódica, não a da possessão e defesa da verdade. A ciência é anti-autoritária por seu método e por sua postura. E, no entanto, estabeleceu-se em única autoridade da nossa sociedade. É atualmente o único emissor cujos mensagens são recebidas sem necessidade de um executivo. Todos os demais emissores, (Estado, igrejas, partidos etc.), necessitam de aparelhos executivos, prova que perderam a autoridade. A ciência dispensa de executivo, porque dispõe do nosso consenso, (da nossa fé nos seus enunciados). O próprio fato de ser nossa fé nos enunciados científicos atitude eminentemente anticientífica, e de ser portanto toda ciëntocracia, (inclusive a tecnocracia), organização social eminentemente anticientífica, é, já por si, aspecto de crise: ter fé na ciência é anticientífico, mas inevitável.

Mas não é o aspecto decisivo da crise. A raiz da crise está contida na própria atitude fundamental que deu origem à ciência moderna. É a atitude existencial de uma burguesia revolucionária na idade Média tardia. O burgues é pessoa cuja praxis é a manipulação de objetos inanimados. Está existencialmente interessado em tais objetos. O resto da realidade, e mais especialmente o homem e a sociedade, está fóra da sua praxis e portanto encoberto por várias ideologias. Pois tal atitude resulta nas ciências da natureza, nas "hard sciences", nas ciências ditas exatas. É tal atitude fundamental revela sua contradição interna apenas agora no século 20.

VILÉM FLUSSER

O espírito científico moderno é inversão de interesse préviamente dominante. No centro do interesse medieval estava a vida e a morte do homem, a "alma". Agostinho diz: "Deum atque animam cognoscere cupisco. Nihil-ne plus? Nihil." (Deus e a alma desejo conhecer. Nada mais? Nada). Tal desejo domina a sociedade medieval por centenas de anos. Os fundadores da ciência moderna são dominados por desejo diferente. Interessam-se pela natureza. Mas é importante captar de que natureza se trata. Não da criação judeo-cristã, nem da physis grega. Não de obra Divina que manifesta Sua vontade e visa um último dia, nem de organismo cósmico dentro do qual todas as coisas procuram o seu lugar justo. Mas de contexto inanimado dentro do qual se movem objetos animados e inanimados.

Isto explica o curiosíssimo fato que as primeiras disciplinas científicas a serem elaboradas são a mecânica e a astronomia. Nós, os pós-modernos, tendemos a considerar os objetos dos quais tratam tais disciplinas os existencialmente menos interessantes. No caso da mecânica podemos argumentar, é verdade, que os cientistas visavam novos tipos de instrumentos, portanto um novo tipo de trabalho, e isto sim interessa. Mas tal interpretação é anacronismo. Os cientistas pioneiros não visavam a revolução industrial, mas o conhecimento do movimento dos objetos. E mais obviamente "puro" ainda é o conhecimento visado pela astronomia. É que os iniciadores da ciência moderna concentravam o seu interesse em coisas existencialmente distantes para poderem ser "puros", e abandonavam as coisas existenciais mais próximas, (homem e sociedade), às disciplinas extra-científicas, (religião, política, arte).

Pois o espírito que se volta para as coisas inanimadas e dá as costas à realidade concretamente humana é espírito humanista. Porque as coisas inanimadas permitem, por não exigirem engajamento, atitude "pura". Tais coisas são "objetos puros", e o homem é seu "sujeito puro". Por não estar concretamente muito imerso em tais coisas, o homem ~~os~~ transcende. Pode conhecê-las objetivamente. E isto é o ideal da ciência e do humanismo: conhecimento objetivo. Em tal conhecimento o homem ocupa o lugar transcendente ocupado por Deus na época precedente. Face a coisas como são pedras, astros e quedas d'água o homem pode assumir atitude divina, atitude que realidades como o é o sofrimento humano, a morte, a injustiça social ou a busca da felicidade não permitem.

Isto, por si só, ainda não explica porque a física é a primeira disciplina científica a ser elaborada, e porque se transformou, com o tempo, em modelo das demais disciplinas. Outro fator é a matematizabilidade do movimento dos corpos inanimados. Graças a ela a física se torna exata. A ideia de ser o mundo "fundamentalmente" matemático tem origem mítica, e, desde Pitágoras, se manifesta constantemente no pensamento do Ocidente. Mas tal matemática mítica está intimamente ligada à música, portanto à "simpatia", "encanto", em suma: magia. Para tornar-se modelo científico, deve passar por outro crivo.

VILÉM FLUSSER

O do Islã, o qual influenciou profundamente a ciência nascente. Para o Islã a natureza é livro escrito por Deus para ser decifrado pelo homem. Livro com posto de cifras. Tal cosmogonia e cosmologia toma os movimentos aparentemente complexos das coisas em nosso torno por decifráveis em equações simples. Uma tal "leitura" da natureza se revelou tão eficaz ao longo da idade Moderna, que suas origens mítica e islâmica ficaram esquecidas. A descoberta experimental, (e não apenas especulativa), que a estrutura matemática da natureza é projeção humana, e que informa, enquanto projeção, (categoria), o fenômeno pesquisado, é descoberta recente.

Resumindo: a burguesia medieval tardia, movida por sua praxis, inverte o interesse préviamente dominante e o dirige para a natureza. Tal natureza passa a ser conjunto de objetos conhecíveis objetivamente e exatamente. Diante dela o homem assume posição transcendente. Isto é "puramente" interessada, e existencialmente desinteressada. Assim surge o espírito científico moderno, e a física como primeira disciplina, a ser elaborada em modelo das demais disciplinas. Tal espírito, e tal ciência, assumem, com o decorrer da idade Moderna, o lugar da única autoridade da nossa sociedade. E estão, atualmente, entrando em crise.

O surpreendente não é a crise, mas o fato de ela ter irrompido tão tarde. Porque era-se a supor que na medida na qual a ciência avançava em direção de realidades nas quais estamos mais intimamente implicados, iam diminuindo a sua exatidão e objetividade. Que o progresso da ciência a partir da física rumo à biologia, psicologia, sociologia e as ditas "humanidades" ia revelando as fraquezas da sua atitude fundante. O fato é que, embora tais fraquezas se iam de fato revelando, a atitude se manteve. Não sem dúvidas teóricas, por certo. Dúvidas que culminavam na filosofia do século 18. Mas a atitude científica, e sua praxis, passavam por cima. Porque, no campo das ciências "duras", os métodos científicos eram indiscutivelmente eficientes, e porque também no campo das ciências mais "moles" davam resultados, embora mais duvidosos. Com efeito: a despeito das dúvidas teóricas tanto o progresso científico quanto o seu domínio sobre as mentes se iam firmando. O fato da crise irromper com atraso a torna provavelmente mais profunda ainda.

A crise irrompe quando começa a se revelar experimentalmente no campo das próprias ciências "duras" que o ideal do conhecimento objetivo é não apenas insustentável, mas metodologicamente indesejável. Tal revelação, reforçada pela óbvia insustentabilidade e indesejabilidade do ideal da objetividade nos demais campos, e especialmente no campo da psicologia, da sociologia e das humanidades, abala os próprios alicerces do edifício científico, porque abala a atitude que o fundamenta. Revela, como que por relâmpago, que a ciência não pode e nem deve ser aquela disciplina nobre, pura pela qual o espírito transcendente conhece um mundo que lhe é objeto. Mas que é necessariamente, e também felizmente, disciplina de um homem imerso no mundo e engajado em conhecê-lo. Re-

VILÉM FLUSSER

5

vela que a ciência não pode, nem deve, resultar em métodos que permitam a manipulação do mundo de fóra. Mas que é e deve ser busca de métodos de mudar o mundo, e o próprio homem imerso no mundo, de dentro. Em suma: revela que a ciência não é disciplina de um sujeito para-divino, mas atividade humana. Pois a revelação que a ciência não é, nem pode e nem deve ser o que desejavam os seus iniciadores é a crise da ciência. Devido a tal revelação não podemos mais desejar o que desejava a Idade Moderna: conhecimento objetivo progressivo, e manipulação progressiva do mundo por um sujeito desengajado.

.....

Revelação assim é abaladora do nosso estar-no-mundo. Abala não apenas o nosso engajamento, mas a nossa compreensão do mundo, nossa autocompreensão, e nossas atividades quotidianas. Porque é perda da fé no progresso, portanto perda da fé na ciência moderna. Para captar as dimensões da catástrofe, é preciso considerar, por superficialmente que seja, algumas das consequências da revelação para a ciência mesma.

O conhecimento objetivo, visado pela ciência moderna, é adequação do sujeito conhecedor ao objeto a ser conhecido. Pressupõe que sujeito e objeto são entidades distintas que se encontram no ato do conhecimento. A ciência não é pois "voraussetzungslos", (sem pressupostos): pressupõe que homem e mundo são entidades distintas. É verdade que desde os seus primórdios, e mais especialmente desde Descartes, os cientistas não nutriam ilusões quanto à problemática formal de um tal conhecimento, (de uma adequação da "coisa pensante" à "coisa extensa"). Desde os primórdios da ciência a "captção" do objeto pelo sujeito era tida por teóricamente impossível, e praticamente alcançada por uma espécie de milagre, (concursum Dei). Mas, embora tal impossibilidade formal e teórica do conhecimento objetivo sempre preocupava os pensadores modernos, a ciência se desenvolvia dentro da estrutura epistemológica da coincidência "sujeito/objeto".

Pois tal estrutura se tornou insustentável na praxis tanto das ciências da cultura, quanto, últimamente, nas próprias ciências da natureza. É a própria praxis que mostra que sujeito e objeto não são entidades separadas que se encontram no conhecimento. Mostra, pelo contrário, que o processo do conhecimento é anterior ao sujeito e objeto. Que sujeito é sujeito apenas com relação a algum objeto, e que objeto é objeto apenas em relação a algum sujeito. Que pois a relação estabelecida de sujeito e objeto, (por exemplo a relação cognitiva, entre outras), é a "realidade concreta". Que, quando tal relação se estabelece, surgem, quais horizontes da realidade relational, as entidades "sujeito" e "objeto". Conhecimento não é encontro do sujeito com o objeto, mas, pelo contrário, relação concreta na qual é possível distinguir-se, um tanto teóricamente, um polo subjetivo e outro objetivo. E "espírito conhecedor" e "mundo conhecido" são extrapolações abstratas de tais polos.

VILÉM FLUSSER

A admissão que espírito e mundo são reificações de relação dinâmica que é o concreto estar-no-mundo humano é imposta pela própria praxis científica, e o é de muitas formas. Por exemplo: no campo da física a praxis revela a que a observação concreta, (uma das formas do estar-no-mundo), provoca, determina e modifica o observado, e no campo da psicologia a praxis revela que a observação concreta provoca, determina e modifica o observador: a observação se revela pois praticamente relação que resulta tanto em observador quanto em observado. O ideal de uma observação "objetiva", no sentido de observação de um objeto previamente não observado por um sujeito que se aproxima de tal objeto se revela pois preconceito, fruto de terminada ideologia. Mais: revela-se que tal ideal atrapalha a observação concreta. E o que é verdade com relação à observação, o é também com relação às demais fases do processo do conhecimento. O ideal do conhecimento objetivo tende a encobrir a realidade concreta a ser conhecida. E a manutenção de tal ideal pela ciência moderna resulta na progressiva abstração e progressiva vacuidade do universo do discurso da ciência moderna. Quanto mais progride a ciência, tanto mais tal progresso se revela alienação da realidade concreta. O ideal do conhecimento objetivo, tão produtivo nas primeiras fases do desenvolvimento científico, está se tornando impecilho de um autêntico conhecimento. Pois se a ciência está obrigada a admitir, pela sua praxis e não apenas por considerações teóricas, que o conhecimento objetivo é construção ideológica insustentável, a ciência moderna toda está ameaçada de desmoronamento enquanto disciplina conhecedora.

Mas a necessidade de admitir que homem e mundo não são entidades distintas, mas extrapolações de tendências, não tem apenas consequências para a epistemologia. Tem também consequências éticas extremamente violentas. O pressuposto da ciência moderna, segundo o qual o cientista é sujeito que transcende o mundo, leva à ideia de um "cientista ideal", de um sujeito puro que se inclina sobre o seu objeto sem preconceitos e sem valores, ("voraussetzungslos" e "wertfrei"). Tal cientista despreconceituado e livre de valores é conceito contraditório, por ser ele próprio preconceito e valor: diz que o cientista não deve ter preconceitos e valores. Mas embora seja conceito contraditório, e embora os próprios cientistas sempre se tivessem dado conta de tal contradição, o ideal do cientista puro predominava na ciência durante centenas de anos. Não pode ser mais mantido.

Se fôr reconhecido que o homem está sempre implicado no mundo, e que a sua realidade é exatamente tal implicação, então o cientista puro não é gente, mas espectro ideologicamente invocado. Porque conhecimento não é visto são a partir do transcendente, mas um dos aspectos do estar-no-mundo humano. Não pode ser desligado dos demais aspectos. O homem não pode conhecer sem desejar, agir, sofrer, valorar, em suma: viver. O conhecimento não é algo

VILÉM FLUSSER

anterior à ação ou posterior ao sofrimento, mas o próprio conhecimento é ação e sofrimento, e o próprio sofrimento é conhecimento, a própria ação é conhecimento. Não se pode distinguir entre valoração e conhecimento: só se conhece o que se julga válido de ser conhecido, e só se pode valorar o que é de alguma maneira conhecido. A atitude de um conhecedor sem preconceito e sem valores é atitude desumana. A atitude éticamente e ideologicamente neutra do cientista puro é pretensão, produto de alienação do conhecido a estar-no-mundo.

Durante as primeiras fases da ciência moderna tal atitude era viável. Quando se trata de pesquisar o movimento de corpos inanimados, a neutralidade de ética do cientista é viável, porque de fato tais fenômenos não têm "valor", não interessam existencialmente. Mas quando se trata de pesquisar fenômenos mais próximos do estar-no-mundo humano, por exemplo doenças, injustiças sociais, sonhos ou obras da cultura, a atitude éticamente neutra se revela desprezível. O cientista que afirma que o vírus tem para ele o mesmo "não-valor" que o homem atacado pelo vírus está mentindo. O cientista que afirma estar estudando o comportamento humano e o comportamento da sociedade humana com a mesma atitude com a qual estuda o comportamento da formiga e do formigueiro está mentindo. E não importa se está mentindo deliberadamente para enganar os outros, ou se está mentindo para si mesmo. Em todo caso está sendo instrumento, consciente ou não, de ideologia nefasta. Ao afirmar atitude de éticamente neutra, está se pondo ao dispor de valores pelos quais recusa a responsabilidade. Está lavando suas mãos de tais valores.

Isto se torna apocalípticamente claro se considerarmos a atual tendência para a tecnocracia. A tecnocracia não é, como pretende ser, a "superação" da política por conhecimento científico e técnica científica, portanto "superação" de todas as ideologias. Não pode sê-lo. Porque a ciência não é disciplina de um espírito puro, e a técnica não é manipulação de objetos de fora. A ciência é atividade humana, e a técnica é manipulação do mundo de dentro. Por isto ciência e técnica são formas do estar-no-mundo humano, e têm necessariamente aspectos éticos, políticos portanto. A tecnocracia é necessariamente uma forma de dominação, tanto quanto o é a teocracia ou a aristocracia. É forma de totalitarismo, sustentado pela ideologia do cientifismo. E tal totalitarismo está a serviço de determinados "valores", (interesses). O tecnocrata é o avatar político do cientista puro, e está se revelando, atualmente, um dos cavalheiros do apocalipse.

A atitude éticamente neutra é desprezível, e fundada sobre engano epistemológico, mas leva, não obstante, a conhecimento de certo tipo, e manipulação em certo sentido eficiente. Porque transforma, para o sujeito que a assume, o mundo inteiro em conjunto de objetos inanimados. Sob tal atitude o homem e a sociedade são conhecidos e manipuláveis enquanto e como

VILÉM FLUSSER

objetos ~~manipulados~~ inanimados. O homem é conhecido e manipulado enquanto "funcionário", e a sociedade enquanto "aparelho". Não se trata, por certo, de conhecimento do homem e da sociedade concretos. O homem concreto no qual estamos interessados não é o funcionário e seus movimentos, mas o homem com o qual vivemos em sociedade. E a sociedade concreta na qual estamos interessados não é o aparelho e seus movimentos, mas a sociedade na qual vivemos com outros homens. Mas a atitude éticamente neutra oferece conhecimento e técnica de manipulação não obstante. Oferece estatísticas, projeções, planos quinquenais, nos quais o movimento do homem-objeto e da sociedade-objeto é representado por curvas e algarismos. Trata-se de barbárie em sentido duplo: é barbárie, por ser expressão de ingenuidade epistemológica, e é barbárie, por ser expressão de irresponsabilidade ética. Mas se estamos obrigados a admitir que a neutralidade ética é barbárie, que a pretensa isenção de valores é produto de ingenuidade e irresponsabilidade, a ciência moderna tôda está ameaçada de desmorramento enquanto atitude.

Mas o abandono dos ideais do conhecimento objetivo e da isenção de valores tem, na ciência, também consequências para a metodologia. Ao longo da idade Moderna a ciência elaborou métodos extremamente complexos e refinados para conhecer os fenômenos por ela pesquisados. A despeito do seu refinamento e de sua complexidade tais métodos são reduzíveis a estrutura relativamente simples. A meta dos métodos é adjuar o sujeito ao objeto, de modo que os métodos visam tornar sujeito e objeto adequáveis. O sujeito deve ser purificado, para poder aproximar-se do seu objeto sem deformá-lo. E o objeto deve ser definido, para poder ser captado pelo sujeito. A purificação do sujeito é alcançada por determinadas disciplinas formais, (matemáticas, lógicas etc.), que eliminam da sua operação mental as impurezas do seu concreto. Destarte o mundo, (desejos, valores etc.). Destarte surge o cientista, conhecido no folklore setecentista como "o sábio alienado do mundo", no romantismo como Frankenstein, atualmente como funcionário de laboratório, e cuja tragédia é ilustrada pelo caso Oppenheimer. E a definição do objeto é alcançada por operação material e mental que separa o fenômeno do seu contexto concreto, que o transfere da realidade para um laboratório material ou imaginado. Destarte o canto do pássaro é definido como vibração acústica, e a dor de fígado como vibração de nervos. A sincronização desses dois métodos é formalmente problemática, e, embora sua teoria tivesse sido elaborada desde Descartes, passando por Kant até os positivistas lógicos sempre mais exatamente, jamais foi satisfatoriamente fundamentada. Existencialmente a sincronização dos métodos pode ser esboçada da seguinte maneira:

Para poder aproximar-se cientificamente do seu objeto, o cientista deve, por catarsis, eliminar da sua mente conhecimentos do tipo "estou sendo pago por minha atividade, devo publicar ou perecer, se descobrir algo farei carreira, minha descoberta pode ser útil ou perniciosa para a socie-

VILÉM FLUSSER

dade". Tal catarsis resulta em mente isenta de preconceitos, (interesses vi tais), e abre o campo para o interesse puro. Mas não resulta em mente vazia. O cientista se aproxima do seu objeto com mente que armazena juízos préviam^{ente} formulados por outros cientistas. Tais juízos não são por ele lanca^{dos} sobre o objeto na forma de preconceitos, mas na forma de questionários aos quais o objeto deve dar resposta. A resposta é dada pelo objeto na forma de observação dirigida, isto é observação dentro da estrutura do questionário proposto. Se o objeto responder afirmativamente, o questionário pode ser considerado hipótese confirmada por esta observação, e o objeto pode ser considerado hipoteticamente definido, ("explicado"). Mais interessante para a ciência é o caso da resposta negativa. Em tal caso o questionário, (a hipótese), deve ser reformulada, ou abandonada e substituída por outra. O interesse puro do cientista é pois dirigido a possíveis respostas negativas. É o método da dúvida disciplinada.

As hipóteses elaboradas no curso da observação pela mente formal, (matemática e lógica), se estabelecem em questionários aplicáveis a outros objetos, alguns dos quais possivelmente jamais observados anteriormente. Tais objetos vão sendo pois descobertos progressivamente. Os objetos novos se distribuem sobre um campo sempre mais vasto, e os questionários, (hipóteses), se ramificam em forma de árvore ao penetrarem tais campos novos. Destarte surgem vários ramos da ciência, várias especializações, que por sua vez provocam sempre novos campos de pesquisa. O método científico torna pois a ciência disciplina progressiva em dois sentidos: elabora sempre novas hipóteses, e descobre sempre novos campos com novos objetos. Gracias à dinâmica do seu método a ciência tem estrutura de árvore, é discurso progressivamente ramificado e dialécticamente reformulável. Tal dinâmica tem mais outro aspecto. As hipóteses tendem, por sua forma de sentenças lógico-matemáticas, a se agruparem em discursos parciais, "teorias". Nas teorias se estabelece hierarquia formal entre as hipóteses, que destarte passam a se reforçarem mutuamente. Teorias são portanto mais difficilmente falsificáveis pela observação que hipóteses soltas. Quando são falsificadas e provocam a elaboração de teorias novas, o progresso da ciência dá um salto. De maneira que a ciência tem, graças a seu método, estrutura de discurso ramificado que progride tanto por passo quanto por salto. E tal progresso resulta em métodos progressivos para a manipulação dos objetos conhecidos, isto é: sua manipulação em obediência às hipóteses confirmadas pelos objetos.

O método científico, (aqui esboçado superficialmente), tem sempre estado aberto a dúvidas de vária ordem. Por exemplo: qual é a "verdade" dos enunciados do discurso científico? São as teorias, por serem mais difficilmente falsificáveis que hipótese soltas, mais "verdadeiras"? Qual é a verdade de "sentenças observacionais", (as respostas dos objetos)? Será a "verdade"

VILÉM FLUSSER

cientifica problema extre-científico, (filosófico), ou será problema que a própria ciência deve resolver? Outro exemplo: Qual a justificativa da estrutura lógico-matemática das proposições científicas, e aonde está localizada: na mente do sujeito, no próprio objeto, ou na adequação "sujeito/objeto"? E porque não é possível reduzir integralmente a matemática sobre a lógica ou vice-versa? Outro exemplo: Ultimamente estão surgindo disciplinas tão formais quanto o é a matemática e a lógica, (teoria da informação, cibernética, teoria da decisão, dos jogos etc.), que todas estão intimamente relacionadas com matemática, mas não redutíveis a ela. E tais disciplinas rompem a estrutura de árvore da ciência por criarem campos intermediários entre os ramos, ("interface areas"), nos quais ramos genéticamente incomparáveis se cruzam. Como inserir tais disciplinas formalmente e quanto ao seu conteúdo dentro da ciência moderna? E há outros exemplos. De modo que o método científico sempre estava aberto a críticas radicais, algumas novas, outras recorrentes.

Mas esta não é a razão da presente crise da metodologia. O que somos obrigados a duvidar atualmente é se o cientista puro, esse espírito alienado, esse Frankenstein, esse funcionário de laboratório, é o homem indicado a captar a realidade. Se os seus enunciados, hipóteses, teorias não são, pelo contrário, elocubrações de uma ideologia fantástica, de uma loucura abstraidora. E somos obrigados a duvidar se os objetos dos quais o cientista nos fala, esses fenômenos arrancados do seu contexto concreto e manipulados para serem observados e inseridos em hipóteses, são de fato a realidade que queremos conhecer e modificar, ou se não são, pelo contrário, conceitos que encobrem a realidade. Somos obrigados a suspeitar que o método científico resulta na invocação de um universo fantástico e abstrato, produto da ideologia burguesa dos seus invocadores.

A primeira vista tal suspeita não se sustenta, porque o método científico funciona na praxis. A técnica funciona, e maravilhosamente bem, e isto justifica o método da ciência moderna. Tal argumento pragmático pode não convir muito aos cientistas puros, porque afirma que a ciência se justifica pela praxis, e pouco importa a justificação teórica que almeja. Mas é argumento forte. Com efeito: tal argumento fez com que o método científico continue a ser aplicado, a despeito das críticas que lhe são movidas. O argumento pragmático reduz, no fundo, a ciência a uma espécie de magia: funciona a despeito da duvidosidade das suas teorias. Mas a segunda vista o argumento, embora forte, não se sustenta. Porque a técnica funciona maravilhosamente bem no campo do movimento dos objetos inanimados. E em tal campo a teoria científica se sustenta relativamente bem: o conhecimento, embora não estritamente objetivo, é no entanto aproximadamente adequado. (Os objetos inanimados são altamente observáveis). Mas a técnica funciona muito menos bem quando se trata de manipular seres vivos, e muito mal quando se trata de manipular o homem e a so-

VILÉM FLUSSER

ciidade. Portanto no campo daqueles fenômenos perante os quais a atitude objetivadora falha, e aonde a teoria é pois muito mais duvidosa. Em outros termos: A técnica funciona maravilhosamente bem lá aonde a atitude científica se sustenta, e lá aonde ela se torna duvidosa, a técnica falha. De maneira que a técnica justifica a ciência lá aonde a ciência não necessita de justificativa, e aonde dela necessita, a técnica não convence.

O argumento pragmático em pról do método científico é forte, porque a nossa fé no funcionamento e no progresso da técnica é forte. É inevitavelmente forte porque a técnica emana da nossa única autoridade. Mas considerações como as sugeridas no parágrafo anterior provam que nossa fé na técnica está diminuindo e que isto é um dos aspectos da crise. A nossa suspeita é esta: admitidamente a técnica científica é método excelente para manipular corpos inanimados. Mas pode muito bem ser que tal manipulação perca muito do seu interesse no futuro imediato. Não estamos interessados tanto assim em instrumentos ainda mais perfeitos. Mas a técnica científica não convence tanto quando se trata de manipular fenômenos mais interessantes, como o é o corpo humano, a mente humana, a sociedade e a cultura. Funciona muito bem em tais campos, quando transforma os fenômenos em corpos inanimados, embora nem sempre consiga fazê-lo. Por exemplo: na medicina consegue "objetivar" o esqueleto, mas já a objetivação das funções endócrinas é mais duvidosa. E até certo ponto consegue objetivar as funções económicas da sociedade, (embora as técnicas de manipulação económica não pareçam extremamente eficientes), mas as funções políticas da sociedade não parecem ser objetiváveis. Le modo que a técnica progride quando manipula corpos inanimados, mas não pode progredir quando se trata de manipular fenômenos não objetiváveis. Portanto: a "segunda" ou "terceira" ou "quarta" revolução industrial no campo da biologia, psicologia e sociologia só acontecerão na medida na qual os organismos, a mente e a sociedade serão manipulados como se fossem objetos inanimados. E uma tal manipulação não pode não interessar muito. A nossa fé no progresso tecnológico e nosso interesse por ele está periclitando. E, com a perda de tal fé, começamos a suspeitar que muitas das manipulações técnicas atuais, (psicologia de grupo, planejamento económico, técnica social etc.), não passam de magia baseada sobre ideologia burguesa, e encobridora de interesses políticos, sociais e económicos que professa estar "superando".

O enfraquecimento da nossa fé no progresso técnico, portanto o enfraquecimento do argumento pragmático em pról do método científico, reforça a crise do método científico, porque a torna mais visível. Torna-se mais óbvio que o método pelo qual um sujeito alienado da realidade concreto, (o cientista), arranca fenômenos de tal realidade para defini-los hipoteticamente pode não ser um método indicado para conhecer tal realidade, embora tal método resulte na técnica que manipula eficientemente tais fenômenos arrancados. Pois

VILÉM FLUSSER

com tal dúvida a ciência moderna tóda está ameaçada de desmorramento enquanto disciplina. E ameaçada de desmorramento está também a nossa fé no progresso "histórico" em geral, porque tal progresso deve a sua estrutura à metodologia científica: discurso dinâmico ramificado.

.....

Os três aspectos da crise da ciência fragmentariamente esboçados no capítulo precedente, (o epistemológico, o ético e o metodológico), iluminam o impacto da crise sobre todos nós, participemos ou não da ciência ativamente. A ciência ocupa, na nossa sociedade e na nossa consciência, o lugar ocupado em sociedades diferentes da nossa por religiões ou ideologias comparáveis. Portanto: a crise da ciência é crise de fé, (ou de consenso, ou de esperança, ou de expectativa, ou não importa como queiramos denominar aquele clima geral e permeante sem o qual não se pode fazer em autêntica sociedade). Em outros termos: a crise atual da ciência ameaça de desmorramento a nossa sociedade, por tanto a nossa maneira atual de estarmos no mundo.

A nossa sociedade, a chamada "sociedade ocidental burguesa" está fundada sobre o consenso, a expectativa, a fé em progresso histórico estruturado e propellido pela ciência moderna. Tal sociedade surgiu no ocidente europeu há 500 anos, e domina o globo há 200 anos. Se o consenso fundante se evaporar, se deixarmos de crer, (como de fato estamos deixando de crer), que o mundo é progressivamente concebível e manipulável por um sujeito transcendente e progressivamente mais "objetivo" e menos ideológico, o nosso engajamento na nossa sociedade cessará, e ela desaparecerá da superfície da Terra. Nossa fé no progresso se articula em todos os nossos atos, (na técnica, na política, na economia, na arte, na pedagogia, no campo dos nossos atos privados). E não apenas nos atos: também nas vivências e nos desejos. Estamos no mundo na forma da expectativa do progresso. Com o desmorramento da ciência o nosso estar-no-mundo estaria alterado.

Mas a crise da ciência não anuncia apenas a ameaça da ruína da nossa fé fundante e da maneira atual de estarmos no mundo. Anuncia também a esperança de nova fé e de nova maneira de sermos homens. Pois é isto que caracteriza esta crise como todas: são momentos nos quais o novo coincide com o velho. Uma das dificuldades da vida em crise é a de distinguir entre o velho e o novo. As tendências do velho em direção da catástrofe, e as tendências do novo em direção da realização se interpenetram. A dificuldade é grande, porque o velho se assume, na crise atual, portador do novo, por assumir-se "progressista". Tudo que se diz progressista, desenvolvimentista, vanguarda etc. é ipso facto velho, porque articulação da fé no progresso que está em crise. Mas isto é mais fácil constatar intelectualmente que captar existencialmente, porque as tendências progressistas não parecem ser, como o são, decadentes. Outra dificuldade é a nossa velha tendência de crer que o novo é melhor que o velho, crença

VILÉM FLUSSER

essa que deriva da nossa fé periclitante no progresso. Isto é dificuldade, porque na nossa situação o novo não se põe como o melhor, mas como saída de situação insustentável. De modo que o novo não se caracteriza, como o faz o velho, por otimismo. Mas a falta de otimismo é sintoma de atitude decadente. A dificuldade é pois esta: na nossa situação as tendências velhas são progressistas e otimistas, e as novas são, ou parecem ser, decadentes. E, no entanto a análise das situações mostra serem as tendências progressistas e otimistas as que estão em crise, e as aparentemente decadentes apontam saída.

Devido a tal dificuldade de distinção a grande maioria das tendências atuais no campo tecnológico, político e social, (inclusive as várias revoluções no terceiro mundo, e as várias tendências em arte), que parecem apontar o futuro, são tomadas por novas, quando são na realidade sintomas de crise. Mas tais tendências no campo da ciência mesma, e em sociedades aparentemente decadentes como o são os Estados Unidos e a Europa ocidental, que parecem indicar decadência, são na realidade sintomas de superação da crise. A dificuldade pode ser contornada, se concentrarmos a atenção sobre alguns acontecimentos relativamente recentes no campo da ciência mesma. Verificaremos que o novo, a revolução da qual somos espectadores, vítimas e agentes virtuais, não são as várias "revoluções" políticas, sociais, técnicas e artísticas, mas revolução ontológica: reformulação radical da nossa vivência e do nosso conceito da realidade. E tal revolução, (não surpreendentemente), se articula na ciência com maior clareza que alhures. Resumindo: a revolução consiste em derrubar a distinção entre o homem e o mundo, e assumir a realidade enquanto o concreto estar-no-mundo humano. Isto é o novo: o mundo não é mais vivenciado e concebido como contexto objetivo sobre o qual o homem age, mas é vivenciado e concebido como a realidade humana. E o homem não é mais vivenciado e concebido como espírito que transcende o mundo, mas como a realidade na qual o mundo acontece. E tal revolução que derruba a barreira entre o homem e o mundo, entre antropologia e cosmologia, entre idealismo e realismo, está ocorrendo na ciência mais claramente, e por enquanto mais radicalmente, que alhures.

A manifestação mais palpável da revolução é a reformulação da metodologia. Os novos métodos científicos, chamados, em certos contextos os "fenomenológicos" ou "heurísticos", (mas tais nomes são provisórios e não captam o importante), partem da plenitude da vivência, e não, como o fazem os métodos da ciência moderna, de uma refinação metódica da vivência plena. Não são portanto "empíricos", (fundamentados na sensação), mas "estéticos", (fundamentados sobre todas as dimensões da vivência concreta). O cientista assume, em tais métodos, a atitude do artista. É artista que visa conhecer e ultimamente manipular a realidade. É pois cientista num significado "impuro". A idade Moderna, com sua divisão homem/mundo, divide, ipso facto, ciência da arte. Os novos métodos que começam a delinear-se restabelecem a unidade orgânica entre

VILÉM FLUSSER

"episteme" e "techné", e conferem, destarte, significado nôvo aos termos "ciência", "técnica" e "arte".

Assumido tal ponto de partida para conhecer e manipular a realidade, espontâneamente, uma vivência e um conceito fundamental: a proximidade. A realidade é vivenciada e concebida, espontâneamente, enquanto campo do qual eu ocupo e centro, e no qual soffro o impacto de acontecimentos mais próximos ou mais afastados. Mas a proximidade se oferece espontâneamente não apenas enquanto medida do impacto. Também enquanto medida do ato. A realidade é vivenciada e concebida, também, enquanto campo sôbre o qual ajo, a partir da minha posição central, em direção de acontecimentos mais ou menos próximos ou afastados. Em suma: a proximidade se oferece, espontâneamente, como medida do concreto, por ser medida do meu interesse no mundo, (do meu estar-no-mundo). Aplicar pois a proximidade enquanto medida é, fundamentalmente, o método revolucionário ao qual a ciência está recorrendo.

Ao aplicar tal escala de medida estabeleço, (ou descubro, os dois termos passam a ser sinónimos, dado o caráter da proximidade), estrutura fundante da realidade: rede espaço-temporal da qual ocupo o centro e ao longo da cujos fios a realidade é vivenciada, (o virtual se realiza). Rede dinâmica e pulsante. As minhas possibilidades se aproximam de mim a longo dos fios da rede para se apresentarem: serem por mim realizadas. E eu me projeto ao longo dos fios da rede para realizar-me. E rede cujos fios são relações pelas quais mundo e eu se realizam mutuamente. Construção teórica, (matemática portanto). Estrutura teórica, (não metafísica), da realidade concreta. Figura auxiliar para o conhecimento e manipulação da realidade. A rede não é real: é escala de medidas. Destarte o termo "teoria" adquire nôvo significado. Não significa, como na ciência moderna, sistema de hipóteses, nem, como para os gregos, contemplação de formas. Significa medição de possibilidades. Em outros termos: teoria passa a significar estratégia para atos futuros. E instrumentalário para vivências futuras.

A dimensão da proximidade é inteiramente distinta das duas dimensões básicas da ciência moderna que são centímetro e segundo. E verdade que posso medir o intervalo que me separa do dentista, quando espero na sala, em centímetros e segundos, e tal medida indicará a proximidade do dentista. Mas não serão centímetros nem segundos "objetivos". Serão diferentes dos centímetros e segundos que medem a proximidade da chegada do meu filho. Os quilómetros que me separam dos meus amigos no Brasil são diferentes dos que medem a proximidade da fronteira iugoslava. A proximidade é medida do meu concreto estar-no-mundo, não de relações entre objetos. Se meco com proximidade, quantifico meu concreto estar-no-mundo, não o mundo objetivo.

Mas não se trata, tão pouco, de medida subjetiva. Porque a segunda vivência e o segundo conceito que surgem espontâneamente quando assumo tal

VILÉM FLUSSER

ponto de partida são a descoberta que não estou só no mundo, mas que há sempre outros comigo. Por certo: encontro os outros dentro da estrutura da rede, dentro da qual encontro tudo. De maneira que posso distinguir nos outros entre os que me estão próximos e os mais excêntricos com relação à minha posição no mundo. Mas o encontro com os outros tem também efeito modificador sobre a rede. Ao encontrar os outros encontro, com efeito, redes que se sobrepõem sobre a minha. A sobreposição de redes sobre a minha "altera" a minha. Devido a tal alteração sucessiva da minha rede é a medida da proximidade medida de um conhecimento sucessivamente mais e mais intersubjetivo. Porque a proximidade mede o meu concreto estar-no-mundo junto com outros.

Pois tal método de conhecimento, que consiste na vivência plena, constantemente reavaliada pelo contacto com outros, não pode ter a estrutura discursivamente ramificada que caracteriza o método da ciência moderna. Tal método não pode resultar em especialização sempre mais refinada. Nem em descoberta de objetos sempre novos. Não pode ser método progressivo no significado que o termo "progresso" tem na idade Moderna. Tal método deve ter, necessariamente, estrutura dialógica, e deve visar conhecimento sempre mais intersubjetivo das vivências/mais corriqueiras, e sempre das mesmas. A sua meta não pode ser, como o é a da ciência moderna, conhecer objetivamente a totalidade do mundo objetivo. Sua meta deve ser, necessariamente, conhecer a realidade mais próxima de uma forma comum a todos os homens que compartilham de tal realidade. O ideal não é o conhecimento total do mundo por um espírito transcendente pseudo-divino. O ideal é conhecer o que interessa de perto a todos os homens em diálogo com todos os homens. A meta utópica de tal método não pode ser uma técnica manipuladora do mundo, mas sociedade perfeita que adapta a realidade aos seus desejos dialógicamente aferidos. Trata-se pois de método politicamente engajado, e de "ciência" revolucionariamente distinta da moderna.

Tal método, (que já começa a ser aplicado, especialmente no campo da psicologia), resultará em um novo tipo de pesquisador, o qual é, simultaneamente, cientista, artista, técnico e homem politicamente engajado. Mas já agora podemos observar como a aplicação de um tal método modifica a nossa maneira de estarmos no mundo. Modifica a nossa vivência do tempo. Não vivenciamos mais o tempo como fluxo diacrónico que flui do passado rumo ao futuro e atravessa o presente. Vivenciamos o tempo como oceano dentro do qual estamos mergulhados e que se precipita sobre nós de todos os lados. Aonde estamos, lá está o presente, e por onde olhamos de lá vem o futuro. O tempo advém do futuro para ser guardado no presente na forma de passado. Nós somos os sincronizadores do tempo. Tal vivência do tempo obriga-nos a abandonarmos todos os modelos historicistas. Não podemos mais explicar o presente pelo passado, (o presente antecede o passado).

VILÉM FLUSSER

Pelo contrário: devemos explicar o passado como presente represado. Portanto não poderemos mais medir a história com escala aritmética cujo ponto zero está nas "origens do tempo" e que está marcada de unidades uniformes como anos, milénios etc., mas devemos medir a história com escala algorítmica cujo ponto zero está no presente e cujas unidades se encolhem quanto mais apontam o abismo do passado. Pois tal superação do historicismo implica no abandono da "futurológica". O passado enquanto presente represado e medido pelo método da proximidade não permite ser projetado para o futuro. Tal inversão do tempo é impossível, porque a nova vivência do tempo revela com nitidez que ~~o futuro e o passado~~ são campos ontológicos incomparáveis. O futuro é o campo do virtual, daquilo que pode e deve ser realizado. O passado é o campo de uma realidade guardada, parcialmente disponível, (memorado), e parcialmente encoberto, (reprimido). Projetar curvas do passado para o futuro é querer ultrapassar o futuro, encobri-lo e reprimi-lo, não permitir que seja futuro.

Igualmente modificação nossa vivência do espaço. Não vivenciamos mais o espaço como estrutura tridimensional vazia, cujos três eixos apontam o infinito, cujo centro pode ser convencionalizado não importa aonde, e dentro da qual podem ser definidos os objetos. Vivenciamos o espaço como ambiente pleno de relações dinâmicas que apontam o centro ou partem dele, centro que nós ocupamos, e vivenciamos as relações como virtualidades em vias de realização, como acontecimentos. Somos portanto incapazes de vivenciar o tempo espaço divorciado do tempo. Para a nossa nova vivência o tempo é o aspecto dinâmico do espaço, e o espaço o aspecto relacional do tempo. O presente enquanto centro do espaço, (o lugar por nós ocupado), é, por isto mesmo, represa do tempo e meta do tempo. O presente é pois tempo espacializado. E o futuro enquanto horizonte do espaço, (a região de onde as relações incidem), é por isto mesmo espaço temporalizado. Com efeito: os próprios conceitos do espaço e tempo com os quais opera a ciência clássica nos parecem, a partir da nossa vivência atual, abstrações quase inteiramente alienadas da realidade. A dificuldade da idade Moderna em conceber um "espaço de quatro dimensões curvo e finito" é substituída pela nossa dificuldade de conceber como a idade Moderna podia, por tanto tempo, nutrir um modelo de um espaço tridimensional infinito arrastado pelo tempo, ou permeado pelo tempo, e como podia a idade Moderna nutrir um modelo de um tempo linear infinito que atravessa ou propõe o espaço. A revolução ontológica da qual somos pacientes e agentes já não permite mais que possamos intuir o estar-no-mundo da idade Moderna, embora ainda participemos dele em tantos aspectos.

Podemos pois constatar, no campo da ciência, como a crise atual começa a resultar em consenso, fé, expectativa novas. Porque começa a resultar em nova ontologia. Estamos perdendo a fé no progresso, porque estamos perdendo a fé na ciência moderna e seu método discursivo. Em compensação,

VILÉM FLUSSER

estamos começando a crer na capacidade humana de assumir criativamente a sua existência no mundo junto com outros, porque estamos começando a crer na possibilidade de uma ciência nôva, ciência que é também arte e engajamento político, porque é articulação do concreto estar-no-mundo humano. Podemos constatar tal revolução não apenas no campo da ciência, mas em numerosos campos. Em suma: começa a se delinear, vagamente, em nosso torno e dentro de nós, nôva esperança. Devido a tal esperança podemos começar a desejar um futuro inteiramente diferente do futuro desejado pela idade Moderna.

.....

Que podemos pois desejar para o futuro? Mais fácil é dizer o que se tornou indesejável. Indesejável é um progresso técnico nas linhas atuais, porque conduz necessariamente a progressiva reificação, (objetivação), do homem e da sociedade. Indesejável é um progresso da ciência "pura", porque conduz necessariamente a progressiva alienação abstraidora, e porque serve de ideologia a uma tecnocracia totalitária ameaçadora. Indesejáveis são as revoluções ora em curso no terceiro e quarto mundo, porque visam alcançar o progresso técnico e científico do mundo dito desenvolvido. Indesejável é o marxismo na sua forma clássica, (sovietica), porque ilustra como o humanismo alia do à fé na ciência e no progresso leva a alienação ideológica e reificação totalitária manipuladora. (Há, no entanto, tendências na "nôva esquerda" que não podem ser tão facilmente recusadas pela nôva atitude.) Indesejáveis são as religiões estabelecidas, tais como conseguiram hibernar durante a idade moderna em vários cantos do nosso íntimo e da sociedade, porque são articulações de fé pré-moderna que não podemos esposar sem violência deliberada ao nosso estar-no-mundo. (Há no entanto, tendências no seio das religiões estabelecidas que parecem articular a nôva atitude.) Indesejável é a arte dita de vanguarda, embora "arte" seja a rigor o nosso órgão de retomada de contacto com a realidade, porque tal arte é atualmente vítima de modas progressistas e está degenerando em comunicação de elite. Com efeito: a crise nas artes é caso especial da crise geral da ciência e do progresso. Indesejável é, a fortiori, a arte dita de massa, porque é um dos produtos mais alienantes da técnica em progresso.

Se considerarmos tal litania facilmente continuável, somos tomados da sensação do desespero que acompanha a perda de fé e caracteriza a nossa crise. Somos tomados da expectativa de catástrofe violenta ou paulatina que faz parte do clima que respiramos. Mas há também o outro característico da crise e a outra parte do clima, que é o surgir de nôva fé e a expectativa de nôva aventura. Apenas é mais difícil articular tal outro lado, por ser o lado nôvo. Difícil, mas dadas as tendências já observáveis, possível.

Podemos desejar uma nôva maneira de sermos homens. Nôvo método de pesquisar a realidade. Nôva forma de fazer arte. Nôva forma de comunicar com

VILÉM FLUSSER

os outros. Nôva estratégia para engajar-se em sociedade. Novo método de fruir e de modificar a realidade. Nôva técnica de modificar-se em diálogo com outros. Podemos doravante desejar isto, (e outros aspectos da mesma atitude), e não apenas fantasiá-lo, porque tais mudanças já estão ocorrendo. As novas pesquisas já foram iniciadas, embora ainda não tenham resultado em disciplinas "exatas". (A "mathesis universal" que fundamenta tais métodos novos ainda não está formalizada.) A nova arte já está surgindo, embora não seja sempre reconhecida enquanto arte, e embora peque por excessos. A nova forma de comunicação extra-linguística já está funcionando, embora o nível de suas mensagens ainda seja lamentável. O novo tipo de engajamento já é observável, embora os grupos, fraternidades, gangs etc., e mais especialmente o novo conceito de "família" que resulta, seja apenas um vago índice de possibilidades futuras. O novo método de fruir e modificar a realidade já está tomando fôlego, embora os trips e o uso de drogas ainda não representem, por certo, o rumo do futuro. A nova técnica dialógica já está sendo aplicada, embora os brain-storms de um lado, e as várias técnicas psicoanalíticas ainda estejam na infância da sua elaboração disciplinada. Mas, graças a tais tendências, não é mais utopia messianica desejar o surgir de um "Novo Homem".

Com efeito: todos já o somos em parte. Já vivemos, em parte, em clima pós-histórico, pós-moderno. Já está surgindo, em nosso íntimo e em nosso redor, nova escala de valores. Está ruindo a escala de valores moderna, burguesa, cujo princípio máximo é a "Schaffungsmoral", a moral da produção, do fazer, do criafalço. Está ruindo, porque não se sustenta sem ser constantemente insuflado pela fé periclitante no progresso. E está surgindo novo escala cujo princípio máximo é o "Lustprinzip", o princípio do prazer, do gozo, da felicidade. Tal escala de valores nova foi, quando começou a articular-se, definida como "sociedade de consumo". Trá engano, pois que o princípio do prazer não sofreu pela crise econômica atual e pela diminuição de consumo. Não se trata de valorar bens de consumo, mas de valorar a vivência concreta. A ontologia mercantil burguesa encobre a nova escala de valores. E a consciência burguesa, da qual todos ainda participamos em parte, encobre a nova escala com a "má consciência" que, para o burgues, a acompanha o gozo. Mas na medida na qual já esposamos o princípio do prazer, já somos Novos Homens. Pois isto podemos desejar: vida rica em experiências concretas.

Tal desejo seria, no entanto, mero abandono à fruição passiva, não existissem já os métodos para criar deliberadamente sociedade que permite vida rica. Não apenas os métodos de uma nova psicologia, teoria da comunicação e sociologia. Mas métodos totais, interdisciplinares. Por exemplo o movimento de maio 68, o qual sintetiza os métodos da política, do surrealismo e da sociologia. Ou o método da anti-psiquiatria, o qual sinteti-

VILÉM FLUSSER

Se os métodos da psico-análise, da política, da teoria da comunicação, da "body art" e da biologia. Por existirem já tais métodos, (e numerosos outros), sabem ~~que~~ que, ao contrário do que pensam os progressistas, vida rica em experiências é vida dinâmica e ativa. Pois isto podemos desejar: re todos simultaneamente políticos, científicos e artísticos para poderes vi ver vida rica.

Tal desejo não pode nem deve ser confundido com a famigerada "qualidade da vida" na qual tanto se fala atualmente. Embora o fato de se falar tanto nisto seja sintoma da nossa crise. É claro que o "valor" que se mede sob a denominação "standard de vida" é valor burguês, quase inteiramente abstrato, e cairá com o abandono da fé no progresso. Mas procurar substituí-lo pelo conceito da qualidade da vida é procurar obscurecer a crise dos valores. "Vida rica" é valor tão quantificável quanto qualificável, e tem a ver tanto com ciência quanto com arte. É a arte de viver consciente-mente, inclusive intelectualmente. Arte que o ocidente burguês perdeu, mas que ainda se preserva, embora de maneira deturpada e decadente, nas sociedades ditas subdesenvolvidas. Não podemos mais desejar, e isto está se tornando pensosamente óbvio, a manipulação externa de tais sociedades. Nem a dita "ajuda" ou "assistência", nem a agitação revolucionária ou progressista. O que podemos desejar é o diálogo com tais sociedades, para que nos ensinam a viver, e para que nós não continuemos a obstruir es seus esforços de vencer a miséria que os mata. Porque é claro que não podemos viver ricamente, se não sabemos como. E que não podemos viver ricamente, enquanto eles morrem de fome e nos ameaçam. Necessitamos deles mais que eles de nós necessitam, mas eles tão pouco podem viver ricamente sem se acertarem conosco. Pois isto podemos desejar: diálogo com a humanidade toda a respeito das possibilidades de vida rica.

A perda da fé no progresso não implica no abandono dos resultados do progresso moderno. O abandono do discurso em pról de um diálogo metódico não implica no abandono dos instrumentos elaborados pelo discurso. Trata-se, pelo contrário, de dialogar a respeito de tais instrumentos disponíveis. Submeter tais instrumentos dialógicamente ao critério do princípio do prazer, de vida rica. Eliminar tais instrumentos, quando contribuem para a progressiva reificação e o progressivo empobrecimento da vida. Modificar tais instrumentos, quando podem contribuir para tornar a vida mais rica. Conservar tais instrumentos, quando já o fazem. Em suma: trata-se de retomar tais instrumentos na mão, inseri-los no contexto da realidade concreta, apropriar-se deles. Destruir a sua automacidade e autonomia, pelas quais os instrumentos estão tomando posse de nós, e transformá-los em autênticos instrumentos. Pois isto podemos desejar: diálogo com a humanidade toda que transforme a técnica moderna em instrumentário para vida rica.

Tudo isto está se tornando agora desejável, no sentido de poder ser desejado razoavelmente. E tudo isto pode ser reduzido a um núcleo: o desejo de conviver realmente com os outros no mundo. Formulado assim, o desejo adquire o caráter de fé religiosa. A idade Média desejava o transcendente na forma de "vida eterna em Deus". A idade Moderna desejava o progresso na forma de manipulação do mundo objetivo por sujeito transcendente. Nós começamos a desejar a vida plena em diálogo com outros. O desejo medieval é manifestação de fé em Deus. O desejo moderno é manifestação da fé no sujeito humano. O nosso desejo incipiente é manifestação da fé no outro incipiente. Trata-se, como em toda fé, do sentido da vida que é a morte. Para o medieval, a superação da morte é a imortalidade em Deus. Para o moderno, a superação da morte é a imortalidade na obra. Para nós, a superação da morte é a imortalidade no outro. Pois isto podemos desejar: tornar-nos imortais nos outros.

Será tal desejo "nóvo"? Será nova fé, nova religiosidade? Obviamente que não: é tão antigo quanto o é o estar-no-mundo humano. O Deus dos medievais é o Outro, e a Igreja ensina que o caminho até Deus passa pelo amor aos outros. A obra do burgues moderno se destina ao outro e seu valor é ser para o outro. E todas as fés anteriores e simultâneas às duas mencionadas têm, necessariamente, dimensão intersubjetiva. Necessariamente, porque o homem está concretamente no mundo com outros. Por isto o desejo de se tornar imortal no outro é uma das formas do homem estar no mundo. Nada há de novo em tal desejo. É uma das virtualidades humanas. Uma forma do futuro. Mas: todas as culturas das quais temos conhecimento encobrem, de uma forma ou outra, tal desejo. Subordinam tal desejo a desejos tidos por mais elevados. Ao desejo de "salvar a alma" ou de "manipular o mundo", por exemplo. Nenhuma cultura anterior, ao que sabemos, considerava a vida dialógica como rica seu valor supremo. Porque não considerava o concreto esteirno-mundo dialógico como raiz da realidade. Ao que sabemos, todas as sociedades anteriores estavam fundadas sobre consenso, fé, ontologia diferentes. Realizavam virtualidades do estar-no-mundo humano diferentes. Sociedade a qual por consenso geral acreditasse no outro como fonte da realidade e de vida rica seria sociedade nova, por ser a primeira a realizar desejo antigo. Pois é isto que é desejável atualmente: contribuir para sociedade na qual eu possa ter vida rica no imortalizar-me nos outros.